

MEMÓRIA COLETIVA E MOBILIZAÇÃO EM UM TEMPO ATEMPORAL

COLLECTIVE MEMORY AND MOBILIZATION IN A TIMELESS TIME

MEMORIA COLECTIVA Y MOVILIZACIÓN EN UN TIEMPO ATEMPORAL

Paola Madrid Sartoretto

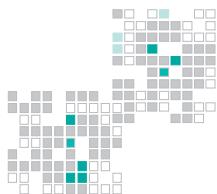
■ Pesquisadora de pós-doutorado no Instituto Nórdico de Estudos Latino Americanos, Universidade de Estocolmo. Doutora em mídia e comunicação pela Universidade de Karlstad, Suécia. Suas publicações mais recentes são *The Production of Knowledge in Brazilian Social Movement Families* (2018) e *Making the case for communication rights – a rights-based approach to media development* (2018).

■ E-mail: paola.sartoretto@lai.su.se

Markus Lundström

■ Pesquisador na Biblioteca e Arquivo do Movimento dos Trabalhadores e na Universidade de Estocolmo, Suécia. Doutor em História Econômica pela Universidade de Estocolmo. Suas publicações mais recentes são *'We do this because the market demands it': Alternative Meat Production and the Speciesist Logic* (Agriculture and Human Values, 2019) e o livro *"Anarchist Critique of Radical Democracy: The Impossible Argument"* (Palgrave Macmillan, 2018).

■ E-mail: markus.lundstrom@ekohist.su.se



RESUMO

A América Latina tem vivenciado ações de resistência em que plataformas digitais de interação social caracterizadas por fluxos acelerados de comunicação tiveram um papel determinante. Analisamos como essas plataformas digitais modificam a ação coletiva e a mobilização social. Discutimos a mediação entre temporalidades e memória coletiva, as oportunidades políticas oferecidas pelas mídias digitais e a intersecção entre movimentos sociais e mídias digitais para entender os processos de construção de memória coletiva num tempo-espaco em que mudanças materiais em arquivos e artefatos históricos são constantes.

PALAVRAS-CHAVE: MOVIMENTOS SOCIAIS; MEMÓRIA COLETIVA; PLATAFORMAS DIGITAIS; TEMPORALIDADE.

ABSTRACT

Latin America has recently experienced acts of resistance in which digital platforms for social interaction characterised by accelerated communication flows have played a key role. We analyse how these digital platforms interplay with social movement activity through a discussion of temporalities and collective memory, the political opportunities offered by digital media, and how social movements navigate them. The aim is to highlight how processes of collective memory construction transform in a time-space of constant material changes in archives and historical artifacts.

KEYWORDS: SOCIAL MOVEMENTS; COLLECTIVE MEMORY; DIGITAL PLATFORMS; TEMPORALITY.

RESUMEN

La América Latina ha experimentado acciones de resistencia en las que las plataformas digitales de interacción social caracterizadas por flujos de comunicación acelerados desempeñaron un papel decisivo. Analizamos cómo estas plataformas digitales modifican la acción colectiva y la movilización social. Discutimos la mediación entre las temporalidades y la memoria colectiva, las oportunidades políticas que ofrecen los medios digitales y la intersección entre los movimientos sociales y los medios digitales para comprender los procesos de construcción de la memoria colectiva en un espacio-tiempo en el que los cambios materiales en los archivos y los artefactos históricos son constantes.

PALABRAS CLAVE: MOVIMIENTOS SOCIALES; MEMORIA COLECTIVA; PLATAFORMAS DIGITALES; TEMPORALIDADE.



1. Introdução

Nos últimos anos testemunhamos uma onda de ações de resistência e mobilização coletivas organizadas de um modo híbrido em que plataformas digitais têm um papel determinante. Há vários exemplos dessas mobilizações na América Latina, como as Jornadas de Junho 2013 no Brasil, mobilizações estudantis no México 2013 e no Chile em 2014 e mobilizações feministas Argentina em 2018. Ainda que as plataformas digitais de interação social como Facebook e Twitter tenham sido úteis, fluxos acelerados de comunicação também geram mídias *efêmeras* com potencial de afetar a construção e manutenção da memória coletiva entre movimentos sociais. A partir de uma revisão transdisciplinar de literatura, discutimos aqui a importância da memória coletiva em processos de mobilização social e como ela é construída e mantida nesse contexto caracterizado, por Castells (2013, p. 51), como “tempo atemporal”.

Atores sociais coletivos e mobilizados precisam navegar diferentes temporalidades, necessitam reconstruir no presente o passado que delinea os problemas e injustiças contra as quais se mobilizam. Nessa navegação entre temporalidades, tais atores historicizam sua ação social. Movimentos sociais constroem e nutrem memória coletiva numa era digital marcada por um fluxo constante de informação. Nesse contexto, o engajamento em um processo de historicização coletiva se torna um desafio em uma era de comunicação acelerada e mídias digitais efêmeras. Um dos riscos dessa atividade de mobilização e ação social focada no presente e que tem os protestos coletivos como seu ápice é a perda de uma causa norteadora, o que parece ter sido, por exemplo, no caso das Jornadas de Junho 2013 no Brasil (Canavarro, 2019).

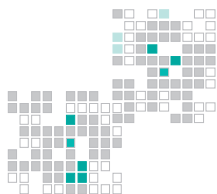
Em face desses desafios empíricos e epistemológicos, a pesquisa em comunicação nos movimentos sociais começa a se voltar para as relações

entre a construção coletiva de memória entre tais atores e a temporalidade impositiva das plataformas digitais de interação social. Para explorar como essas plataformas interagem com a ação coletiva e a mobilização social, começamos nesse artigo por discutir a mediação de temporalidades de resistência e memória coletiva. Seguimos com uma abordagem das oportunidades políticas oferecidas pelas mídias digitais e continuamos com uma discussão da ambiguidade com a qual movimentos sociais se relacionam com mídias digitais e, por fim, mapeamos os pré-requisitos para a construção de memória coletiva num tempo-espaço em que mudanças materiais em arquivos e artefatos históricos são constantes.

2. Temporalidade e movimentos sociais

Há um crescente corpus de literatura que aborda as diferentes experiências e conceitualizações de tempo e temporalidade. Em um relatório da maior pesquisa sueca até o momento sobre tempo e temporalidade, os autores apontam para a politização da história através do que chamam de *passado presente*, que problematiza a história por meio de experiências políticas como exploração, colonização e justiça (Huss, Manns, Ruin, 2016, p. 9) e para a emergência do que chamam de *presentismo* como resultado da crítica pós-moderna à ideia de desenvolvimento contínuo. Eles também identificam a intersecção entre a memória coletiva e as tecnologias que são usadas para armazenar e recuperar o passado. Nesse sentido argumentamos que a intersecção e a relação entre temporalidade, memória e mídia se torna mais clara quando a entendemos como atos e processos comunicativos.

Assim, a história é mobilizada várias vezes para que se obtenham narrativas lineares de eventos que corroboram noções hegemônicas de progresso. Narrativas sobre o passado são associadas à tradição e anacronismo de uma forma negativa que contrasta com o futuro moderno de progres-



so. A tradição ancorada em narrativas históricas também pode instrumentalizar visões excludentes sobre identidades nacionais. Um exemplo desse processo é a narrativa da história da abolição no Brasil, na qual o sujeito português branco tem o papel de protagonista (Ribeiro, 1995, p. 248-256).

Ao questionar essas narrativas lineares do tempo e do progresso, a teoria pós-colonial identificou as noções Eurocêntricas imbricadas na temporalidade linear que constrói pares de opostos entre modernidade e tradição, progresso e subdesenvolvimento (Mignolo, 2000). Essas noções são importantes para se entender e analisar a relação entre memória coletiva e mobilização na América Latina, primeiro porque algumas das mais importantes mobilizações recentes como por exemplo as que defendem direitos de indígenas, afro-brasileiro/as, agricultore/as e direitos das mulheres se fazem valer da politização da história, trazendo o passado para o presente. Segundo porque essas mobilizações anticapitalistas questionam a lógica do progresso constante que culmina na modernidade Eurocêntrica. Nesse sentido, movimentos sociais áreas periféricas como os países da América Latina, quando recuperam e questionam sua história, propõem temporalidades resistentes na medida em que buscam construir suas memórias coletivas enquanto atores sociais.

Os processos de trazer e traduzir o passado para o presente questionando lógicas coloniais se relaciona com argumentos apresentados por Mignolo (2009) quando propõe que a emancipação de sujeitos colonizados se dá através da desobediência epistêmica que é uma recusa em aceitar narrativas universais que invisibilizam, subjugam e excluem. A desobediência epistêmica se concretiza no desligamento do passado colonial como um poder determinista do presente e como justificativa para a subordinação do Outro.

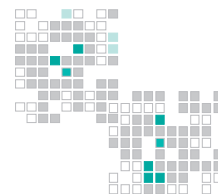
Para movimentos sociais, a relação entre o pas-

sado e a conjuntura do presente é o que condiciona a pré-figuração de um futuro de superação de injustiças sociais, sejam elas materiais, simbólicas ou ambas. A conscientização acerca de condições e dinâmicas de opressão (Freire, 1987) de certos grupos sobre outros acontece então através do desligamento do passado colonial a que se refere Mignolo (2009). Sujeitos oprimidos, como por exemplo o Movimento Sem Terra no Brasil, passam então a entender seu lugar social como fruto de sistemas históricos de opressão como escravidão, colonialismo, patriarcado e capitalismo (Lundström, 2017). A ação social coletiva no presente para transformar o futuro se constitui assim em uma mediação entre passado, presente e futuro que produz temporalidades resistentes.

3. Comunicação e mobilização

Propomos aqui que a mediação entre passado, presente e futuro engendrada por movimentos sociais se dá através de processos comunicativos e práticas midiáticas, sendo por isso importante entender de que formas o desenvolvimento de novas tecnologias incide nesse processo. Também argumentamos que entre atores sociais com uma atividade contínua de lutas sociais que não se restringe apenas à ação direta, o resgate e construção de memórias pode contribuir para a formação da militância. Martín-Barbero (1998, p. 187) conceitualiza mediações como as articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais¹ e a articulação de diferentes tempos de desenvolvimento com variadas matrizes culturais. Essa definição é uma ferramenta analítica extremamente válida para entender a materialidade da construção de memórias coletivas por movimentos sociais. A construção da memória coletiva se dá então a partir de rituais que incluem indivíduos em uma coletividade e a partir

1O autor se refere a movimentos sociais no sentido de mudanças ocorridas nas interações entre cultura e sociedade e não no sentido de um ator social específico, como usamos o termo no artigo.



da valorização de ancestralidades e culturas excluídas das manifestações culturais hegemônicas e da documentação de ações coletivas como protestos, greves e outras práticas políticas.

A partir da memorialização como processo coletivo atores que se mobilizam contra injustiças sociais com o objetivo de transformar a realidade criam as suas temporalidades e se tornam protagonistas de suas histórias. Demandas de vários atores sociais são construídas no tempo a partir de processos comunicativos e permitem que indivíduos em um coletivo tomem consciência da importância e emergência de suas causas, entendam suas ações no tempo e tenham condições de avaliar como sua participação transforma as condições sociais em que vivem.

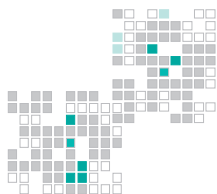
Se a memória coletiva entre movimentos sociais se constrói através de processos comunicativos, as interfaces pelas quais essa comunicação se dá podem se constituir em ferramentas importantes para esses atores sociais. Outro aspecto importante no nexos movimentos sociais e mídia é o processo de adaptação ou apropriação de novas tecnologias de comunicação por movimentos sociais (Sartoretto, 2016). Mesmo quando a memória coletiva de movimentos sociais é transmitida e mantida através da história oral (Polletta, 2009), nota-se a presença de esforços e iniciativas para preservar essa memória em forma de documentação audiovisual ou escrita. As atividades de memorialização são práticas importantes para garantir a continuação do movimento e para construir uma identidade coletiva entre seus membros. Elas fazem parte do que Melucci (1985) chama de fase latente dos movimentos sociais, quando, ao contrário da fase ativa, não estão participando de ações diretas como protestos, demonstrações, etc. É aqui que localizamos a problematização da relação entre a construção de memória coletiva e as mídias digitais.

Castells (2012) caracterizou como *tempo atemporal* a contemporaneidade em que as tecnolo-

gias e mídias digitais permeiam a vida em sociedade, constantemente interpelando indivíduos com um fluxo de informações que nos prende num eterno presente. Essa é a lógica de plataformas digitais de interação social como Twitter, Facebook e Instagram, em que a realidade é apresentada através de uma estética de fluxo constante de imagens e textos com pouca conexão com o passado ou o futuro, numa dinâmica em que a passagem do tempo se ausenta.

Não se pode negar que tecnologias digitais facilitam a documentação, arquivamento e circulação das atividades e história de movimentos sociais, entretanto não seria adequado chamar essa produção midiática e seus conteúdos de memória coletivamente construída por movimentos sociais. Segundo Hoskins (2016, p. 15) a lógica de produção de conteúdo digital e arquivamento aumenta a dependência da memória em dispositivos de eletrônicos de busca. O autor também alerta para como as atividades de lembrar e esquecer mudam, tornando-se atividades de busca muito mais do que reminiscência que pode resultar em uma sociedade com uma consciência de mídia limitada (ibid, p. 17).

É preciso então pensar quais são as implicações para movimentos sociais de um potencial enfraquecimento das práticas coletivas de construção de memória. Uma questão imperativa é entender como a produção da narrativa coletiva e o enquadramento das causas de um movimento social se modificam quando passam a produzir conteúdo principalmente para plataformas digitais de interação social. Outro lado dessa questão é identificar e compreender as estratégias e táticas utilizadas por movimentos sociais para confrontar e contornar a dinâmica do eterno presente em fluxo muitas vezes imposta por estas plataformas. Esse esforço intelectual se torna particularmente relevante em uma época em que testemunhamos revisionismos históricos por parte de políticos e outras figuras



públicas em várias partes do mundo, inclusive na América Latina, em razão do papel histórico que movimentos sociais na região tiveram e têm na transformação social e luta contra várias formas de opressão.

4. Memória e mídias digitais

Na área de mídia e comunicação, os estudos e análises que conectam mobilização social e mídias digitais tem se focado em processos de disseminação, contrainformação, construção de identidades e promoção de diálogo (Custódio 2018, Rodrigues, 2011). O estudo das práticas de memorialização enquanto processo comunicativo e sua relação com mídias digitais é mais raro. Em estudo recente das mobilizações de junho de 2013 no Brasil como fenômeno tecnopolítico (Treré, 2018), Canavaro (2019) alerta para ausência de processos de arquivamento e construção de memória durante as chamadas Jornadas de Junho.

Hoskins (2016, p. 18) argumenta que, metaforicamente, o repositório das memórias sempre foi o corpo, o grupo e a cultura, entidades essencialmente humanas. As tecnologias digitais substituem essa metáfora pela metáfora da nuvem como repositório da memória. Movimentos sociais, especialmente os mais estabelecidos e mobilizados, por sua vez, veem o conjunto de membros como agentes da memória coletiva, sempre presumindo controle e agência do movimento social como ator coletivo e de seus membros sobre essa memória (Benford 2002).

Outra dimensão dessa intersecção entre mídia e tempo é apresentada por Sodré (2014, p. 136) quando diz que as tecnologias de comunica o se transformam de uma ferramenta em “uma espécie de morada permanente da consciência”. Esse processo, segundo o autor afeta a temporalidade e cria “efeitos de simultaneidade e sensa es de imediatismo dos acontecimentos” (ibid). Aqui também se apresenta uma potencial tensão para

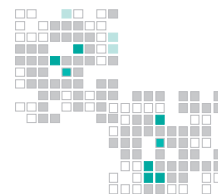
movimentos sociais e outros atores que resistem coletivamente a condi es de opressão – a transferência da consciência do ator social para as tecnologias. Nesse sentido Sartoretto (2015) demonstra como membros Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra identificam ameaças trazidas pelas mídias digitais quando impõem ritmos temporais diferentes e divergentes dos ritmos do movimento.

Em paralelo   ambivalência com que membros de movimentos sociais tratam as redes sociais e suas temporalidades impositivas, está o direito   memória como uma reivindica o desses atores (Leal 2017), principalmente dos movimentos de consciência negra e/ou feministas. Leal argumenta que o ambiente virtual de plataformas como Facebook e Tumblr pode ser espaços de reconstru o e visibiliza o de memórias apagadas por narrativas históricas tradicionais. A autora afirma que projetos digitais que recuperam a memória de mulheres que tiveram um papel histórico importante “buscam formar elos entre mulheres dos mais diferentes lugares, idades, classes e demandas em torno de um passado de luta compartilhado (...)” (Leal, 2017, p. 183).

Constatamos então que agência, controle e autonomia são termos-chave para analisar a constru o coletiva da memória dos movimentos sociais através de plataformas digitais de intera o social. Se por um lado a utiliza o consciente dessas tecnologias contribui para a forma o de identidades coletivas resistentes através da visibiliza o e ressignifica o do passado, por outro lado há o risco da submissão a produzir conteúdo que siga o fluxo constante de contribui es às plataformas (Dean, 2009).

5. A escrita da história como ato político

Investigando comunidades que passaram por crises, Garde-Hansen et al. (2016,75) argumentam que práticas de memória social e pessoal são cruciais para desenvolver resiliência. As autoras iden-



tificam dois eixos ou modos de transmissão da memória; o eixo vertical das memórias transmitidas através do tempo, trazendo o passado de volta ao presente e o eixo horizontal que consiste das lembranças construídas ao longo do tempo por meio de diferentes mídias e modelos de arquivamento.

Nesse contexto, os processos de transferências (de memória e de consciência) de atores sociais para as tecnologias digitais podem produzir um amálgama dos eixos quando impõem a esses atores suas lógicas de simultaneidade e imediatismo (Sodré 2014). Assim, ao mesmo tempo que apresenta desafios ao modo de organização e ação de movimentos sociais no tempo e estabelecimento de temporalidades de resistência, plataformas digitais de interação social também oferecem formas de visibilização e produção de contramemórias invisibilizadas nas narrativas tradicionais da história da América Latina (Leal, 2017; Sansone, 2013).

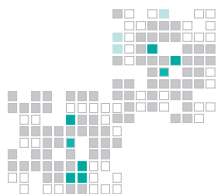
De um lado, a conceitualização teórica traz críticas à lógica de imediatismo e aceleração das tecnologias digitais em geral e plataformas digitais de interação social em particular, apontando problemas e desafios que essas tecnologias representam para processos de memorialização coletiva. Por outro lado, pesquisadores de movimentos sociais demonstram que tais atores reconhecem a importância da memorialização e veem nas tecnologias digitais em geral uma importante ferramenta de construção, resgate e visibilização de histórias de grupos subalternizados.

Assim, argumentamos que a partir da perspectiva dos movimentos sociais – a escrita da história – que se faz cada vez mais através de mídias digitais é um *ato político* e de conscientização. Ela é um ato de conscientização porque é através da compreensão histórica das lutas contemporâneas que experiências e vivências individuais se conectam formando um sujeito coletivo. Propomos que é um ato político porque se constitui na resistência coletiva à opressão e invisibilização e também, mesmo que muitas vezes incipiente,

na resistência às lógicas impositivas de mídias hegemônicas (digitais ou analógicas). Em vários países da América Latina, movimentos sociais trabalham há várias décadas para construir contranarrativas, ou pelo menos narrativas próprias, em meio à hostilidade da mídia hegemônica (Antoni 2012; Azevedo, 2008; Hammond 2004). O que muda agora, com o advento das tecnologias digitais, é que essa resistência se dá não só ao conteúdo, mas também às temporalidades que tecnologias digitais impõem a atores sociais através das lógicas de simultaneidade, imediatismo e aceleração. A consciência acerca de tais lógicas, bem como estratégias de resistência a elas precisam ser identificadas e compreendidas pela pesquisa em comunicação.

6. (Des)mobilização da memória coletiva na América Latina

Não se pode discutir mobilização social na América Latina e sua memória coletiva sem antes reconhecer a sua posição geopolítica subalternizada pelo processo de colonização. Os movimentos sociais que emergem na região, principalmente a partir das décadas finais do século XX, organizam demandas criadas pela colonização e seus efeitos remanescentes. Gohn (2013, p. 7) afirma que os movimentos sociais surgem como tema na sociologia brasileira em 1970-80, com ênfase inicialmente nos movimentos populares urbanos. A autora também destaca a “radicalização do processo e o surgimento de movimentos étnicos na Bolívia e no Ecuador, associados a movimentos nacionalistas como o dos bolivarianos” (Gohn, 2012, p. 59). Somadas a essas mobilizações há a longa história de mobilizações contra a escravidão protagonizadas pela população afro-brasileira que desdobram e ramificam nos movimentos antirracistas. Nos últimos anos, mobilizações feministas em resposta à perda de direitos, violência contra a mulher e propondo representatividade ganharam as ruas em vários países.



Diferente da Europa e América do Norte, onde as áreas de estudos de movimentos sociais e comunicação se desenvolveram e paralelo (Downing, 2008), na América Latina o estudo da comunicação em movimentos sociais e comunitários, ou em comunidades marginalizadas é uma área importante dos estudos de comunicação desde a década de 60 (Gumucio-Dagron, 2005; Peruzzo, 2009; Paiva 2005). A pesquisa em comunicação também se engajou na prática da comunicação, desenvolvendo meios de comunicação comunitária em cooperação com movimentos sociais. Dentro dessa área de pesquisa e ação social, o estudo da construção da memória coletiva e o desenvolvimento de práticas de memorialização tiveram papel importante. Aí se destaca a história oral como prática e método de pesquisa em movimentos sociais, com o objetivo de conhecer e entender a intersecção entre identidades individuais e coletivas forjadas nos movimentos sociais (Kerche e Scopinho, 2013). O rádio se torna então um meio de comunicação de extrema importância para a pesquisa e prática dos movimentos sociais, porque é através desses veículos que a história oral pode ser disseminada (Gallego, 2013). Voltando aos eixos de memória identificados por Garde-Hansen et al. podemos dizer que a história oral contada no rádio promove uma intersecção entre eixos vertical e horizontal da memória porque traz o passado para o presente (eixo vertical) e constrói a memória por meio da documentação da história em arquivos radiofônicos (eixo horizontal).

A produção audiovisual também tem sido uma forma de memorialização muito utilizada por movimentos sociais, particularmente a partir da popularização das tecnologias de produção audiovisual em meados da década de 1990. O Movimento Sem-Terra tem utilizado essa tecnologia há vários anos, organizando inclusive festivais para disseminar a produção audiovisual do movimento e cursos para capacitar militantes em produção e

narrativa audiovisual (Sartoretto, 2015).

Em face à onda global de protestos que emergiu no início da década de 2010 e incluiu a América Latina, muitos estudos se ocuparam em entender aspectos pontuais da intersecção entre tecnologia e ação política. Pode-se identificar nesses trabalhos uma tentativa de entender a tecnologia não apenas como uma ferramenta, mas como ambientes que abrigam movimentos sociais (de Souza, Canavarro, 2017; Magallanes-Blanco e Medina, 2017) ou como um elemento constitutivo da mobilização social (Custódio, 2017; Peruzzo, 2013).

Nesse contexto, considera-se que em um primeiro momento as tecnologias digitais trazem muitas oportunidades para o arquivamento e circulação da produção audiovisual e radiofônica, ao mesmo tempo que as tornam mais acessíveis. Dorrico (2017), por exemplo, argumenta que novas tecnologias da memória são utilizadas por comunidades indígenas “com o intuito de promoção, revalorização e resistência epistemológico-política frente à descaracterização e o abandono que sofrem” (2017, p. 113). Entretanto, como argumentam Sodré (2014) e Hoskins (2016), quando as tecnologias digitais se tornam uma espécie de consciência externa os processos de produção e circulação de memórias coletivas se modificam. Em sua análise das mobilizações de junho de 2013 no Brasil por meio de coleta e análise automatizada de conteúdos do Facebook, Canavarro (2019) explica que a decisão de estudar a interação e conteúdos das redes sociais foi tomada quando a autora percebeu que a mobilização, caracterizada por intensa atividade nas redes sociais, não estava construindo uma memória coletiva.

O problema que se apresenta então para a análise é uma potencial ruptura de processos e práticas de memória, particularmente entre atores sociais que emergem em mobilizações híbridas nas quais as tecnologias digitais têm um papel chave em processos de mobilização e comunicação. Esse



tipo de mobilização tem sido frequente na América Latina e no mundo nos últimos anos (Reguillo, 2017; Treré 2018). No Brasil, por exemplo, atores estabelecidos como o Movimento Sem-Terra, Movimento Passe Livre e sindicatos de trabalhadores dividiram as ruas em 2013 com recém-formados grupos de estudantes e midiativistas (Canavarro, 2017). Aqui identificamos uma brecha empírica, analítica e metodológica entre o estudo das práticas de construção de memória, principalmente entre movimentos sociais já estabelecidos, representando grupos marginalizados em vários países da América Latina e a análise de práticas e conteúdos associados com tecnologias e plataformas digitais de interação social. À medida se tornam mais presentes como elementos constitutivos da mobilização social, transcendendo o papel de ferramentas de comunicação ou produção de conteúdo, torna-se imprescindível aproximar o estudo da construção coletiva de memórias contra hegemônicas ao estudo da interseção entre mobilização social e mídias digitais.

7. Considerações finais

Com base na breve análise da interseção entre movimentos sociais, memória coletiva e tecnologias digitais, argumentamos nesse artigo que a pesquisa em comunicação precisa se aprofundar

REFERÊNCIAS

ANTONI, Edson. *O discurso jornalístico e o processo de marginalização social do exército zapatista de libertação nacional e do movimento dos trabalhadores rurais sem terra*, 173 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

AZEVEDO, Karina Falcone de. *(Des)legitimação: Ações discursivo-cognitivas para o processo de categorização*, 276 f. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

BENFORD, Robert. Controlling narratives and narratives as control. In: DAVIS, Joseph E. (Org.), *Stories of Change: Narrative and Social Movements*. Albany: State University of New York Press, 2002. p. 53-75,

na análise de como movimentos sociais se adaptam às dinâmicas transientes das plataformas digitais de interação social. A interface temporal entre a construção coletiva de memórias e a efemeridade das mídias digitais deve receber especial atenção, pois é um elemento constitutivo, ainda que sutil da construção da memória coletiva e da história de uma sociedade. Assim se poderá entender como esses atores sociais mobilizam recursos temporais para escrever e construir sua própria história. Dentro da pesquisa em comunicação na América Latina há um forte potencial para iniciar esse movimento analítico e conceitual, recuperando a tradição da pesquisa que relaciona a mobilização social e política com a construção e resgate de memórias através de tecnologias de comunicação.

Apontamos por fim alguns caminhos para prosseguir com as investigações sobre a construção de memória coletiva no tempo atemporal. Algumas questões a se pensar são como o passado é trazido para o presente no fluxo das mídias digitais; como acessamos o passado através de mídias e tecnologias digitais e quem ou o que é o agente desse acesso. E, por fim, como o presente é documentado a partir da tensão que se forma entre a documentação consciente feita por atores sociais e a memória episódica criada pelos algoritmos.

CANAVARRO, Marcela. *Political Mobilization in Brazil from 2013-2017: a technopolitical analysis using surveys and social network data mining*, 304 f. Tese (Doutorado em Mídia Digital). Faculdade de Engenharia, Universidade do Porto, Porto, 2019.

CASTELLS, Manuel. *Communication Power*. Oxford University Press, 2013.

CUSTÓDIO, Leonardo. *Favela media activism: Counter-publics for human rights in Brazil*. Lexington Books, 2017.

DEAN, Jodi. *Democracy and other neoliberal fantasies: Communicative capitalism and left politics*. Duke University Press, 2009.

DORRICO, Julie. (2017). A literatura indígena brasileira e as novas tecnologias da Memória: da tradição oral à escrita à utilização de mí-

- dias digitais. *Littera on line*, 8(14), p. 113-139, 2017.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17a Ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.
- GALLEGO, Sandra Ximena. Radio alternativa y prácticas de memoria: experiencia del semillero Movimientos Sociales y Comunicación Alternativa. *Hallazgos*, 10 (20), p. 49-60, jul-dec, 2013.
- GARDE-HANSEN, Joanne; MCEWEN, Lindsey; JONES, Owain. Towards a memo-techno-ecology: mediating memories of extreme flooding in resilient communities. In: HAJEK, Andrea; LOHMEIER, Christine; PENTZOLD, Christian (Eds.). *Memory in a Mediated World*. Palgrave Macmillan, London, 2016. p. 55-73.
- GOHN, Maria da Glória. *Movimentos sociais no século XXI*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- GOHN, Maria da Glória. *Novas teorias dos movimentos sociais*. São Paulo: Loyola, 2012.
- HAMMOND, James. The MST and the media: Competing images of the Brazilian Landless Farmworkers' Movement. *Latin American politics and society*, 46(4), p. 61-90, out-dec, 2004.
- HOSKINS, Andrew. Archive me! Media, memory, uncertainty. In: HAJEK, Andrea; LOHMEIER, Christine; PENTZOLD, Christian (Eds.). *Memory in a Mediated World*. Palgrave Macmillan, London, 2016. p. 13-35.
- HUSS, Markus; MANNNS Ulla; RUIN, Hans. *Tid, minne, representation: Slutrapport från ett forskningsprogram*. Stockholm: Makadam, 2016.
- LEAL, Tatiane. Elas merecem ser lembradas: feminismo, emoções e memória em rede. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 40(2), p. 169-185, mai-ago, 2017.
- LUNDSTRÖM, Markus. *The Making of Resistance: Brazil's Landless Movement and Narrative Enactment*. Cham: Springer International Publishing, 2017.
- MAGALLANES-BLANCO, Claudia e RODRIGUEZ-MEDINA, Leandro. Give Me a Mobile and I Will Raise a Community. *Communication and Information Technologies Annual (Studies in Media and Communications, Vol. 12)*. Emerald Group Publishing Limited, pp. 315-343, 2016.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonía*. Convenio Andrés Bello, 1998.
- MELLUCCI, Alberto. 1985. The symbolic challenge of contemporary movements. *Social research*, 52(4), 789, out-dec, 1985.
- MIGNOLO, Walter. *The idea of latin america*. John Wiley & Sons, 2009.
- MIGNOLO, Walter. *Local Histories/Global Designs: Coloniality, Border Thinking and Subaltern Knowledge*. Princeton: Princeton University Press, 2000.
- MILAN, Stefania. When Algorithms Shape Collective Action: Social Media and the Dynamics of Cloud Protesting. *Social Media + Society* 1 (2): 1-10, jul-dec, 2015.
- PAIVA, Raquel. *Comunicação e cultura das minorias*. São Paulo: Paulus, 2005.
- PERUZZO, Cíclia. Social movements, virtual networks and alternative media in the june "when the giant awoke"?. *MATRIZES*, 7(2), 73-93, jul-dec, 2013.
- PERUZZO, Cíclia. Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço. *Galáxia*, (17), 131-146, jan-dec, 2009.
- POLLETTA, Francesca. *It Was Like a Fever: Storytelling in Protest and Politics*. University of Chicago Press, 2009.
- REGUILLO, Rossana. *Paisajes insurrectos: jóvenes, redes y revueltas en el otoño civilizatorio*. Barcelona: Ned Ediciones, 2017.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- RODRÍGUEZ, Clemencia. *Citizens' media against armed conflict: Disrupting violence in Colombia*. U of Minnesota Press, 2011.
- SANSONE, Livio. *Challenges to digital patrimonialization: heritage. org /digital museum of african and Afro-Brazilian memory*. *Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology*, 10(1), 343-386, jan-jun, 2013.
- SARTORETTO, Paola. The Circumstantial Media Activist: An Analysis of the Relation between Media and Political Representation. *Javnost-The Public*, 23(3), 273-289, set-dec, 2016.
- SARTORETTO, Paola. 2015. *Voices from the Margins: People, Media and the Struggle for Land in Brazil*. Karlstad: Karlstad University Press, 2015.
- SODRÉ, Muniz. *A Ciência do Comum - Notas para o método comunicacional*. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.
- DE SOUSA, Ana Lúcia Nunes; Canavarro, Marcela. (2018) #OcupaEscola: Media Activism and the Movement for Public Education in Brazil. In: CABALLERO, Francisco; GRAVANTE, Tommaso (Orgs.) *Networks, Movements and Technopolitics in Latin America*. Cham: Palgrave Macmillan, 2018.
- TRERÈ, Emiliano. *Hybrid media activism: Ecologies, imaginaries, algorithms*. Routledge, 2018.

